

# VIVÊNCIAS POÉTICAS<sup>1</sup>

**Nas aulas de Português, poesia aguça os sentidos,  
desabrocha a criatividade e alunos transformam-se em autores**

Poesia: caminho às vezes tão simples e tão curto; às vezes tão obscuro e sinuoso! O caminho entre a poesia e a escola é ainda mais paradoxal. Como comungar objetivos, estratégias, regras, limites, números, fileiras, provas e razão, com sensibilidade, fantasia, liberdade, versos, rimas, ritmos, metáforas?!!!... É possível ensinar a sentir? O protagonista de tudo isto? O pré-adolescente, perdido em seu labirinto de dúvidas, inseguranças e negações. Como guia do grupo, eu, a professora de Português, com todas as conotações e pré-conceitos que o título possa sugerir.

Talvez seja esta comunhão de coisas aparentemente opostas que me tenha impulsionado tanto e encantado tão profundamente!

Acreditando na idéia de que não se pode ensinar a sentir, mas que se pode despertar e aguçar os sentidos do outro para ver mais profundamente e desenvolver um olhar poético sobre si e o mundo, eu me aventurei por este caminho disposta a superar todas as dificuldades, a enfrentar todos os desafios.

No coração, um desejo. Na cabeça, uma idéia. Na gaveta da escrivaninha, uma folha com alguns poemas. Tinha claro que não faríamos uma leitura exaustiva, mas, sim, um levantamento dos aspectos que mais nos tocassem em cada texto. Os passos foram então se delineando. Cada poema apontando uma estratégia. Em todos eles, um momento para um contato mais intenso com o texto dos poetas e outro para a produção do texto individual, poético ou não.

Na escrita, o aluno pôde significar os poemas lidos e desenvolver ainda mais a sua sensibilidade e criatividade. No resultado das produções dos alunos, a possibilidade de verificação do nível de leitura atingido e da espontaneidade, criatividade e autonomia expressas.

## A AUTORA

**Marli Siqueira Leite**

Professora de Português de primeiro e segundo graus.

1. Projeto desenvolvido com alunos das sextas séries, do Externato Madre Alix, nos meses de agosto e setembro de 1995.

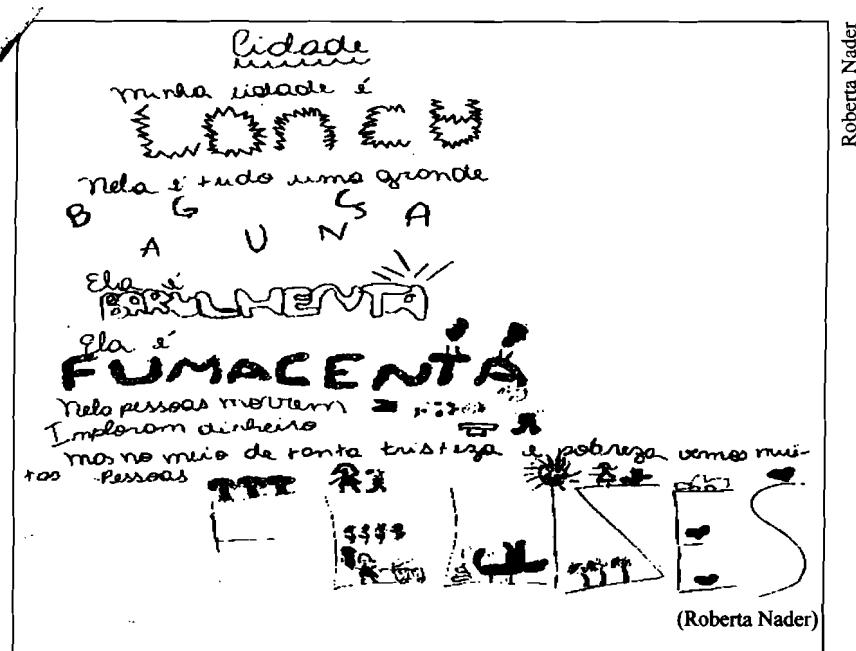
O trabalho envolveu cinco etapas. A primeira foi desenvolvida a partir do poema concreto **Cidade**, de Augusto de Campos<sup>2</sup>:

### CIDADE

atrocaducapacaustadupielastifelosfugahistoriloqualubrinendimultipliorganiperiodiplastiçãopublicrapareciporustisagasinpli  
tenaveloveravivaunivoraçidade

city  
cité

O tema "cidade" já vinha sendo explorado pelo grupo de várias maneiras, desde a análise de um poema de Caetano Veloso, **O dia em que vim-me embora**<sup>3</sup>, até a produção e envio de cartões postais com imagens de cidades visitadas e queridas pelos alunos. **Cidade**, de Augusto de Campos, veio sintetizar e concretizar o que foi descoberto e criado por nós!



O relato das vivências do texto vem traduzido, poeticamente, pela aluna Camila Vitule Brito de Souza:

"Recebemos uma ficha... Olhamos... Tantas letras bagunçadas em um único fio escrito. Quando em grupo, trocamos olhares suspeitos, a fim de sabermos o que acontecia... Expressões distintas tomaram conta de nossa classe: testas dobradas, olhos arregalados, sobrancelhas levantadas... Um mar de dúvidas e de curiosidades cobriu a todos. Muitos chutes foram ecoados pela

2. CAMPOS, Augusto de. *Cidade*. In: **Poesia: 1949-1979**. São Paulo: Duas Cidades, 1979.

3. BASTOS, Vânia. *Vânia Bastos canta Caetano*. São Paulo: Microservice, 1992.

*sala no sentido de descobrir o que aquilo poderia ser, até a professora nos falar o que deveríamos fazer.*

*Achar palavras naquele emaranhado de letras!!! Protestos e mais protestos foram ouvidos:*

*- Achar palavras nesta bagunça???*

*De nada adiantaram. Então foi um show de criatividade: o começo da palavra, as primeiras sílabas, podíamos identificar. O resto, teríamos que imaginar: "Feli-"? "Plasti-"? "Elasti-"? "Simpli-"? Depois do levantamento das palavras, observamos que algumas faziam sentido, outras não. E uma descoberta: a de como se lia aquele poema.*

*Poema concreto, que não só fala de algo, mas o faz. Aquelas sílabas – o começo da palavra – vinham se juntar com a última palavra escrita: cidade. Assim: "felicidade", "elasticidade", "simplicidade".*

*Todas as características de uma cidade, inclusive a própria cidade feita no papel: uma bagunça, meio que poluindo a visão. Pensando bem, a cidade é bonita, simples, alegre! E aquele texto passou tudo aquilo para nós. Foi uma grande descoberta para todos!!!*

*Depois desta etapa, fizemos um cartaz retratando aquela cidade rápida, viva, múltipla, rústica, recíproca...*

*De revistas, recortamos várias fotos, de crianças a indústrias poluindo o ar; de pessoas com sorrisos no rosto a outras com lágrimas da realidade escorridas em suas faces. Recortamos carros, prédios, palavras e montamos cidades, diferentes, mas, ao mesmo tempo, comuns entre si. Uma mistura de cores, de vivacidade, de aspectos foi feita a partir da reunião de cartazes.*

*Depois do cartaz, recebemos uma outra tarefa instigante: a de passar as palavras do poema para o modo, digamos, concreto. A professora distribuiu as palavras entre os alu:os. Cada um, com a sua imaginação, deveria transformar as palavras nelas mesmas!*

*Hum... Vejamos... A palavra "velocidade"... Teria que ser escrita de forma rápida, talvez com uma letra meio deitada, assim estaríamos concretizando a idéia expressa pela palavra. Depois de todos terem escrito um pedaço do poema em uma folha sulfite, colamos uma à outra, formando um único fio escrito, como no poema que lemos, mas, desta vez, o poema estava decifrado, e por nós mesmos!*

*Agora era a nossa vez de fazer um poema como o de Augusto de Campos. Não só escrever sobre a cidade, mas fazê-la! Cada um fez de uma maneira, da maneira como sentia a cidade. Vários poemas distintos e marcantes revelando a idéia de cada um e de todos.*

*Foi um trabalho muito interessante, que nos mostrou um jeito de fazer poema: o poema concreto!"*

O que dizer do trabalho realizado depois do que escreveu Camila? O texto revela a sensibilidade e a percepção de alguém que, mesmo intuitivamente, sabe do limite das palavras e, por isso mesmo, as domina, vai além delas!

Resta-me dizer que se buscou um contato com um texto onde a palavra se aproxima da imagem e a leitura dele configura, efetivamente, a multiplicidade da cidade. Viver esta experiência possibilitou-nos também refletir sobre o espaço urbano, com suas "filas... vilas e favelas", com sua "feia fumaça que sobe apagando as estrelas"<sup>4</sup>, com os seus contrastes: a ordem e o caos se encontrando na mesma esquina!

A segunda etapa do projeto foi desenvolvida a partir de *Valsinha*, de Chico Buarque e Vinícius de Moraes<sup>5</sup>:

## VALSINHA

Um dia ele chegou tão diferente do seu jeito de sempre chegar  
Olhou-a dum jeito muito mais quente do que sempre costumava olhar  
E não maldisse a vida tanto quanto era seu jeito de sempre falar  
E nem deixou-a só num canto, pra seu grande espanto convidou-a pra rodar

Então ela se fez bonita como há muito tempo não queria ousar  
Com seu vestido decotado cheirando a guardado de tanto esperar  
Depois os dois deram-se os braços como há muito tempo não se usava dar  
E cheios de ternura e graça foram para a praça e começaram a se abraçar

E ali dançaram tanta dança que a vizinhança toda despertou  
E foi tanta felicidade que toda a cidade enfim se iluminou  
E foram tantos beijos loucos  
Tantos gritos roucos como não se ouvia mais  
Que o mundo compreendeu  
E o dia amanheceu  
Em paz

Agora, quem apresenta o trabalho é a aluna Bruna Cunha Gondim de Alencar:

*"Para compreendermos o poema *Valsinha*, precisamos primeiro observar bem o texto. Percebemos, então, a relação entre o que era feito antes e o que passou a ser feito depois; entre o que era habitual e que passou a ser diferente.*

*Depois de percebida esta mudança, nós fizemos alguns exercícios a fim de entendermos o sentido geral do texto. Depois, arriscamos um poema parecido, e aí estão os resultados!!!*

4. Versos da música "Sampa", de Caetano Veloso.

5. HOLANDA, Chico Buarque e MORAES, Vinícius de. *Valsinha*. In: **Construção**. Rio de Janeiro: Phillips/Polygram, 1971.

# VALSINHA

NUNCA SE OUVIDO  
NUNCA SE ESCUTOU  
NUNCA SE AMOU

UM DIA APARECEU  
UM DIA ACONTECEU  
UM DIA SE ESCLARECEU

A VIDA COMEÇOU  
A VIDA CLAREOU  
O SONHO ACONTECEU

Luciana Montavani Cesar

"jungou"

Carlos, estranho Carlos:  
calado, fechado, ciente do mundo de si...

Carlo via, estranho,  
carlo chegou com os olhos brilhando  
como se quisessem algo dizer  
suas mãos suadas,  
inquietas, não sabiam o que fazer  
não aguentava o calafrio em suas costas  
nem o imenso frio que assombrava sua baniga  
Sua alma com entuga estava lá:  
junto aquela rapariga

Estranho,  
Mandou primeiro a alma,  
depois a aura,  
depois a si:  
Seu olhar alcançava o mundo revuado  
da cara rapariga,  
é como um míssele trocado  
e dela atravessava seu coração

Os dois entraram em uma harmonia profunda,  
fogo amar o dia conheciam...  
um para o outro eternamente...  
Do fogo ficou a chama,  
e o amor mergulhou-se na paz.

Ouvimos a canção, na voz de Chico Buarque. Sentimos o poema!... A partir de então, procurei desafiar os alunos a estabelecer relações entre as várias descobertas que, aos poucos, foram fazendo no texto, além da mudança presente e já apontada por Bruna, o ritmo, as rimas, o tamanho dos versos, a distribuição das estrofes e a narrativa que se contava ali. Só aí, então, eles partiram para as suas mudanças.

A terceira etapa do projeto foi desenvolvida a partir de *Paisagem*, de Oswald de Andrade<sup>6</sup>:

### PAISAGEM

Na atmosfera violeta  
A madrugada desbotá  
Uma pirâmide quebra o horizonte  
Torres espirram do chão ainda escuro  
Pontes trazem nos pulsos rios bramindo  
Entre fogos  
Tudo novo se desencapotando

Quem, agora, apresenta o trabalho é a aluna Melissa Stevens Beeby:

*"Neste ano, lemos vários poemas, como Paisagem. Neste texto, o autor, Oswald de Andrade, escreve dando vida às coisas, como se os objetos inanimados fossem pessoas humanas.*

*Um exemplo disso é o verso: "Torres espirram do chão ainda escuro". Em outras palavras, "torres acordam ao amanhecer". Torres não dormem, mas, no poema de Oswald de Andrade, elas têm vida, são descritas como pessoas humanas acordando.*

*Uma paisagem pode ser descrita de várias maneiras. Aqui, você viu um jeito indireto e poético de descrever. E a nossa tarefa foi a de perceber toda esta poesia e descrever a mesma paisagem de uma forma direta, mais objetiva, como se fosse para um livro de Geografia."*

A proposta de fazer um texto de cunho informativo, feita com o objetivo de verificar se os alunos estavam hábeis a distinguir a linguagem poética da não-poética, não teve o resultado esperado. De um lado, as produções ficaram muito presas ao modelo e, de outro, pouco objetivas.

---

**O encantamento, decorrente da descoberta das metáforas e da leitura dramática que fizemos, foi o mais significativo nesta vivência.**

---

A quarta etapa do trabalho desenvolveu-se a partir do texto *Cisne*, de Pedro Alvim<sup>7</sup>:

6. ANDRADE, Oswald de. *Paisagem*. In: Obras Completas: Poesias Reunidas. 5.ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. 11V.

7. ALVIM, Pedro. *Cisne*. In: ALVIM, Pedro; ALVIM, Francisco. *Poesias Reunidas*. São Paulo: Duas Cidades, 1988.

## CISNE

O cisne  
branco  
do lago

todo silêncio  
se vai...

como  
quando  
a noite  
no fim  
do dia  
cai.

A aluna Viviane Nóbrega Feitosa descreve bem o processo:

*"Lemos o poema e percebemos que ele está dividido em três estrofes. Dissemos, então, sinteticamente, do que se tratava cada uma: a primeira, a descrição do cisne; a segunda, o silêncio; a terceira, o aparecimento da noite. Também descobrimos que, entre a primeira e a terceira estrofe, há uma comparação: tanto o cisne quanto a noite são silenciosos, chegam de mansinho. E há também uma oposição: o cisne é branco e "vai"; a noite é negra e "cai".*

*Depois disso, fizemos quatro comparações entre coisas diferentes, escolhemos uma e, a partir dela, fizemos outro poema,*

*tomando como base Cisne."*

Maria Izabel Razuk

*"Temos olhos, que se caltam"*

*Seus callosos são magnos  
com negra é a noite.  
Seus olhos profundos  
de alma realento.*

*(Maria Izabel Razuk)*

Buscamos, nesta atividade, reconhecer e criar comparações. Para isso, tivemos que aguçar a nossa percepção e sensibilidade, relacionando coisas de ordens diferentes. Saímos em busca de associações! Aqui, estão algumas delas:

Philippe Sancho

**O Jacaré**

O jacaré é frio e calculista  
O senhor supremo do lago.

O tempo fecha  
E tudo fica misterioso...

O jacaré ataca  
E o lago se esconde.

(Philippe Sancho)

Lígia R. A. Rosa

"Noite"

O noite é como um chocolate  
Doce e escuro  
Gostosa e subversiva.

É quando damos uma mordida  
Libertinos os olhos e lá entra  
O infinito  
A imensidão.

(Lígia R. A. Rosa)

A quinta etapa foi desenvolvida a partir do poema **A Máscara**, de Maria Cândida Mendonça<sup>8</sup>, sugerida por Alda Beraldo, no livro **O livro de faz de conta**<sup>9</sup>.

**A MÁSCARA**

Parei	Peguei	Um leão
Espreitei	Coloquei	Que aflição
Entrei	Atei	
Comprei	Ajeitei	Mas não
		É o João!
Saí	Desci	
Subi	Apareci	
Abri	Rugi	
Sorri	E ri	

Buscou-se, aqui, a graça do texto: o mistério, a surpresa, a fantasia!

8. MENDONÇA, Maria Cândida. *A Máscara*. In: \_\_\_\_\_. **O livro de faz de conta**. Portugal: Plátano, [s.d.].

9. BERALDO, Alda. **O livro de faz de conta**. São Paulo: Ática, 1990. v.1.

<b>Amor</b>  <i>Olhei</i> <i>Me espantei</i> <i>Me apaixonei</i>  <i>corri</i> <i>corri</i> <i>fugi</i>  <i>pensei</i> <i>gostei</i> <i>sonhei</i> <i>Me declarei</i>  <i>Ela sorriu</i> <i>fugiu</i> <i>sorriu</i>  <b>(Pedro Marcondes)</b>
--

Pedro Marcondes

Para que os alunos elaborassem o seu próprio texto, sugeri uma síntese de cada estrofe em uma única ação – a mais significativa naquele momento – e a recuperação da narrativa contada basicamente com verbos.

A partir daí, eles inventaram outras narrativas poéticas, tendo como base as ações.

Este é o resultado do nosso mutirão! Mutirão de idéias, de experiências, de palavras. Palavras de todos, palavras de outros, tantas palavras!!!

Provando que o conhecimento é mesmo resultado de um grande mutirão, eu gostaria de revelar a influência da sensibilidade, da criatividade e inteligência de Maria da Graça Mendes Abreu<sup>10</sup> em meu trabalho. Ela fez despertar em mim, dentre outras coisas, a poesia que estava adormecida.

A ela e aos alunos que participaram deste projeto, o meu obrigado.

**Resumo:** A professora de Português propõe aos alunos das sextas séries do primeiro grau trabalhos com textos poéticos para que eles desenvolvam sua criatividade, capacidade de leitura e interpretação, levando-os à produção de seus próprios textos.

**Palavras-chave:** Português, poesia, criatividade, leitura, produção de textos.

**Abstract:** The Portuguese teacher proposes to 6th grade students to work with poetical texts in order to develop their creativeness, their capacity of reading and interpretation so that they will be able to produce their own texts.

**Key-words:** Portuguese poetry, creativeness, reading, texts production.

10. Maria da Graça Mendes de Abreu foi professora de literatura infantil da autora, na PUC-SP e, atualmente, desenvolve oficinas de leitura e produção de textos para professores de primeiro e segundo graus.